



Primeiro-ministro do Reino Unido se vê às voltas com insatisfação dentro do próprio partido contra medidas de restrição social impostas para conter a cepa ômicron. Chanceler da Alemanha promete combater "minorias extremistas" que se opõem à vacina

Boris Johnson enfrenta rebelião conservadora

» RODRIGO CRAVEIRO

No Reino Unido, envolto em escândalos e enfraquecido politicamente depois de anunciar novas medidas restritivas para tentar barrar o avanço da ômicron, o premiê Boris Johnson, enfrenta uma rebelião dos tories — como são chamados os integrantes do próprio Partido Conservador. Na Alemanha, a polícia confisca armas durante uma operação na Saxônia (leste), em investigações sobre ameaças de morte feitas por grupos antivacina contra o ministro-presidente regional, Michael Kretschmer, que apoia ações contra a pandemia. Os dois países somam 17.628.977 casos da covid-19 e 253.770 mortes. O chanceler alemão, Olaf Scholz, prometeu mobilizar os recursos do Estado contra o que chamou de "minorias de extremistas" antivacinas.

Diretor do Departamento de Economia Política do King's College London, o professor Andrew Blick admitiu ao **Correio** que a rebelião dos tories (conservadores) é um tema grave por si mesmo e está relacionado ao descontentamento geral em relação à liderança de Boris Johnson. "Esse tipo de episódio ilustra a importância do Parlamento e do grupo de governo dentro dele. Tem o potencial de exercer considerável influência, às vezes", afirmou. Nas últimas duas semanas, denúncias de que o premiê e assessores participaram de festas e reuniões sociais, durante o inverno de 2020, aumentaram a insatisfação.

De acordo com Blick, uma ala do Partido Conservador está muito preocupada com a adoção de medidas restritivas por parte do premiê. "O fato de estarem dispostos a se rebelar dessa maneira sugere que a credibilidade de Johnson, enquanto líder, está sob ameaça, parcialmente por temas não diretamente ligados à covid. Eles incluem revelações sobre a ocorrência de festas em

Tolga Akmen/AFP



Johnson participa de entrevista coletiva sobre o programa de vacinação britânico: forte oposição dentro do Parlamento

Johanna Geron/AFP



Olaf Scholz denunciou a "negação da realidade" na Alemanha

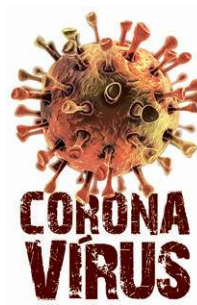
pleno lockdown, acusações de corrupção e críticas ao seu estilo político em geral", acrescentou. Para o estudioso, Johnson tem pela frente uma escolha de Sofia. "Ele terá de decidir se vai

priorizar os conselhos científicos para adotar medidas mais rigorosas ou a unidade de seu partido."

Por sua vez, Nick Turnbull — professor de política da Faculdade de Ciências Sociais da

Universidade de Manchester — concorda que o levante dos tories é significativo. "A inquietação tem crescido dentro dos círculos conservadores em relação à liderança de Johnson. Analistas conservadores vêm criticando o governo por pender muito para a esquerda. As restrições que exigem um passaporte da covid-19 são vistas por muitos membros do governo como contrárias aos princípios da liberdade que definem o partido. Foi uma rebelião expressiva, que atingiu mais do que a maioria parlamentar do governo. Tanto que os votos trabalhistas foram necessários para a aprovação das restrições", disse à reportagem.

Turnbull adverte que Johnson cavalga na própria sorte, mas pode levar um tombo. "Se ele perder popularidade por um período



sustentado, e se o Partido Trabalhista puder fazer incursões reais vencendo as eleições parciais, o Partido Conservador será implacável e substituirá o primeiro-ministro", avalia. Ele acredita que, se a crise de saúde não melhorar, a situação de Johnson tende a piorar.

Segundo Anthony Glees, professor emérito da Universidade de Buckingham, o premiê está "preso entre uma rocha e um lugar difícil". "Se ele introduzir mais medidas graças à ômicron, os tories não o apoiarão e ele estará fora. Se não apresentar as medidas, os trabalhistas ganharão e ele estará fora. Se eu fosse ele, ofereceria ao líder da oposição, Sir Keir Starmer, uma posição no governo e firmaria uma coalizão entre trabalhistas e conservadores enquanto durar a pandemia."

Eu acho...



"Existe um risco para a legitimidade da liderança do premiê Boris Johnson. O líder da oposição, Sir Keir Starmer, atacou Johnson como incapaz de liderar. O enfraquecimento de sua maioria leva à redução simultânea de seu poder simbólico. No entanto, isso é apenas um revés. Os conservadores não retirarão o seu apoio, mas buscarão medidas compensatórias em outras áreas para obter seu apoio contínuo."

Nick Turnbull, professor de política da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Manchester

Negacionismo

Em discurso no Bundestag, o chanceler alemão, Olaf Scholz, declarou que "o que existe atualmente na Alemanha é a negação da realidade, as histórias de conspiração absurdas, a desinformação deliberada e o extremismo violento". Ele avisou que a resposta do governo utilizará "todos os recursos de nosso Estado de direito democrático". Professor do Departamento de Governo da Universidade de Georgetown e especialista em política alemã, Eric Langenbacher elogiou a postura de Scholz. "Ante o aumento chocante no número de infecções nas últimas semanas e com a ômicron, esta é a posição certa a ser adotada. Se Scholz mantiver-la, isso poderá fortalecê-lo. Ele demonstraria consistência, determinação e liderança forte", afirmou ao **Correio**.

ESTADOS UNIDOS

NY terá primeira mulher a chefiar polícia

"Nesta cidade, neste momento, fechei o meu ciclo. Aceito o cargo de comissária do Departamento de Polícia de Nova York (NYPD, pela sigla em inglês)." Foi com essas palavras e sem segurar as lágrimas que Keechant Sewell — mulher, negra, 49 anos — fez o discurso mais importante de sua vida. Pela primeira vez em 176 anos, o NYPD será chefiado por uma mulher. Será a terceira afro-americana a ocupar o posto. A partir de 1º de janeiro, quando tomará posse, Keechant comandará 35 mil policiais, dos quais apenas 18% são mulheres.

O anúncio do nome de Keechant foi feito por Eric Adams, ex-capitão do NYPD e também negro, o prefeito eleito de Nova York. Ele ocorreu no mesmo dia em que Derek Chauvin, o ex-policial branco acusado de matar o negro George Floyd, em Minneapolis (Minnesota), declarou-se culpado das acusações de violações dos direitos civis da vítima.

Em seu pronunciamento sobre a escolha por Keechant, Eric Adams disse que as mulheres "muitas vezes estão sentadas no banco" e "nunca têm permissão

para entrar no jogo", quando se trata de policiamento.

Em entrevista ao *New York Post*, na terça-feira, Keechant declarou que se sente "muito honrada por ser considerada para o cargo". "É uma oportunidade extraordinária. Eu levo muito a sério a natureza histórica disso", comemorou. Keechant é uma veterana da polícia: acumulou 23 anos de serviços no Departamento de Polícia de Nassau, na vizinha Long Island, onde se tornou chefe em setembro de 2020.

"Trago uma perspectiva diferente para garantir que o departamento se pareça com a cidade à qual serve e para fazer com que essa decisão (...) eleve mulheres e pessoas de cor a posições de liderança", afirmou a nova chefe de polícia de Nova York, ontem. Ela assegurou que, sob seu comando, o NYPD estará focado no combate aos crimes violentos, especialmente aqueles relacionados com armas de fogo.

Em Nassau, Keechant atuou na unidade de narcóticos e nos principais casos de investigação de Long Island, além de ter sido negociadora de reféns.

Reprodução



Keechant Sewell: "É uma oportunidade extraordinária"

Caso Floyd

Essa foi a primeira vez que o ex-policial Derek Chauvin, que recorre da condenação em um tribunal estadual de Minnesota, admitiu culpa pelos atos que resultaram na morte de George Floyd por asfixia durante um procedimento de prisão. O caso

incitou protestos em todo o país e teve ampla repercussão internacional. "O acusado admite ter usado uma força irracional e injustificada, e ter agido de forma deliberada e com flagrante desprezo pelas consequências para a vida do senhor Floyd", diz o documento judicial, publicado pouco após a aceitação de culpa.

Biden visita cidade arrasada por tornados

Brendan Smalowski/AFP



Quatro dias depois de uma série histórica de tornados devastar 75% da cidade de Mayfield, no estado de Kentucky, o presidente norte-americano, Joe Biden (D), visitou o local, vistoriou as ruínas e conversou com sobreviventes e desabrigados (foto). Até o fechamento desta edição, o Kentucky registrava 74 mortes e mais de cem desaparecidos. Os tornados atravessaram outros quatro estados dos EUA (Tennessee, Illinois, Missouri e Arkansas), deixando um total de 88 mortos. No domingo, Biden declarou estado de catástrofe maior em Kentucky, o que lhe rendeu o agradecimento do líder dos republicanos no Senado, uma demonstração de cortesia que se tornou rara em um Estados Unidos onde as divisões partidárias se acentuaram nos últimos anos. Durante a visita a Mayfield, Biden falou à imprensa e admitiu que acompanha as enchentes na Bahia.